



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 17 - dezembro de 2016

**Cartografia da infância: exercício de releitura de *A idade do serrote*, de
Murilo Mendes**

**A cartography of childhood: a rereading exercise of *A idade do serrote*,
by Murilo Mendes**

*Francisco Thiago Camêlo**

RESUMO

O presente trabalho desafia as leituras tradicionais da obra de Murilo Mendes *A idade do serrote* (1968) e investiga a força de uma “infância da linguagem” associada à escrita muriliana. Para este exercício, discutem-se alguns capítulos do livro de memórias de Murilo em diálogo com proposições filosóficas de Gilles Deleuze, Giorgio Agamben, Jean-François Lyotard e Walter Benjamin. Ao promover o encontro entre escrita artística e pensamento filosófico, o artigo busca mostrar a força da infância como operador discursivo.

PALAVRAS-CHAVE: Infância; Murilo Mendes; Escrita

ABSTRACT

This paper challenges traditional readings of Murilo Mendes' work *A idade do serrote* (1968), and investigates the power of a “language childhood” in connection with Mendes' writing. For this exercise, some chapters of his memoirs are discussed in a dialogue with philosophical propositions expressed by Gilles Deleuze, Giorgio Agamben, Jean-François Lyotard, and Walter Benjamin. By promoting an encounter between artistic expression and philosophical thinking, this article aims at showing childhood power as a discursive operator.

KEYWORDS: Childhood; Murilo Mendes; Writing

* Mestrando em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio –; Bolsista Nota 10 da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ – Rio de Janeiro – RJ – Brasil – fcamelo@outlook.com

Não me vi nascer, não me recordo de nada que se passou naquele tempo. Na verdade, nascemos a posteriori.
(*A idade do serrote*, Murilo Mendes, 2014, p. 11)

A criança não para de dizer o que faz ou tenta fazer: explorar os meios, por trajetos dinâmicos, e traçar o mapa correspondente. [...] À sua maneira, a arte diz o que as crianças dizem. Ela é feita de trajetos e devires, por isso faz mapas, extensivos e intensivos.
(*O que as crianças dizem*, Gilles Deleuze, 2011, p. 83-88)

Introdução

Perdidas as memórias do nascimento, como imaginar uma experiência de escrita com a infância? Em que tempo e espaço essa escrita com a infância poderia acontecer? O que significa ter tido uma infância? Como recuperar a linguagem do nascimento?

Extraindo “o maravilhoso do imediato” para reinventar um tempo longínquo, Murilo Mendes, no livro *A idade do serrote*, elabora uma certa experiência com a infância ao reler criticamente suas memórias infantis pela (e na) escrita. Neste trabalho, as memórias de Murilo Mendes serão lidas a partir de proposições filosóficas que tomam a infância como categoria de pensamento e a entendem, para além de demarcações cronológicas, como algo que não passa, conforme Jean-François Lyotard¹ (1991).

É neste sentido que nos ocupamos da infância enquanto vetor de criação de *A Idade do Serrote*, a fim de cartografar os modos como a máquina literária muriliana se apropria da força inventiva infantil. Adverte-se que este trabalho não quer verticalizar esta ou aquela proposição teórica, nem explorar à exaustão os capítulos d’*A idade do serrote*, mas abrir entre a ficção e a teoria canais de passagem por onde possa circular uma infância como “personagem conceitual”², isto é, como uma força que impulsiona a escrita de Murilo Mendes. Desse modo, ao promover um contato entre escrita artística e pensamento teórico, tenta-se instaurar uma linha de fuga das interpretações já bastante consolidadas³ em torno de *A idade do serrote* para mostrar como a infância pode ser um

¹ Cf: “Baptisons-la *infantia*, ce qui ne se parle pas. Une enfance qui n’est pas un âge de la vie et qui ne passe pas. Elle hante le discours. [...] Si l’enfance demeure chez elle, ce n’est pas quoique mais parce qu’elle loge chez l’adulte.” (LYOTARD, 1991, p. 9).

² A expressão é de Deleuze & Guattari, apud LEAL, 2008, p. 18.

³ Refere-se, em particular, a duas linhas interpretativas da obra de Murilo Mendes: uma sociológica, notadamente uspiana, que enfoca o período de formação lírica do poeta, e outra linha que explora as relações entre literatura e psicanálise, a partir das formações do inconsciente e da expressão *a posteriori* usada por Murilo Mendes em *A idade do serrote*.

operador discursivo capaz de propor novas possibilidades de escrever, ler e pensar (LEAL, 2008).

1 Escrever com a infância, ler *A idade do serrote*

Walter Benjamin, no belo texto “Canteiro de obra”, do livro *Rua de mão única*, ao refletir sobre o material educativo produzido para as crianças, diz que a sensibilidade infantil está afinada com o lugar dos escombros e dos desperdícios. Brincando com as coisas descartadas pelos adultos e explorando a expressividade e as potencialidades entre elas, a criança estabelece com os resíduos da costura ou do trabalho doméstico uma nova relação: “Com isso as crianças formam para si seu mundo de coisas, um pequeno no grande, elas mesmas”, pontifica Benjamin (2012b, p. 17). Assim, o que está posto em jogo na brincadeira infantil é menos uma lógica racional e mais a possibilidade de construir superinvenções.

Por não serem pensadas logicamente, segundo o ideal moderno de conhecimento (conhecer é objetivar), as construções inventadas pela criança no “canteiro de obra” benjaminiano afrontam partições outrora pacíficas, como a que separa o mundo dito animado do mundo dito inanimado. Os pequenos estão com os objetos de um modo desviante e canhoto. Por não ser indiferente aos objetos, a criança consegue abrir-se com mais facilidade à vida secreta das coisas, como o menino de “olho precoce” que cola “pedaços da Europa e da Ásia em grandes cadernos”⁴ (p. 161) e, desde cedo, tenta “pegar o som” do Flauta de Isidoro.

O contato do “Murilo menino”⁵ com os objetos resulta em energia vital e sensibilidade que alimentam seu imaginário de criança e são motivos da criação artística anos depois. Leia-se, por exemplo, o que diz o poeta sobre os “símbolos torcionários”⁶ e os “manequins” descobertos na infância:

Primeiros instrumentos hostis: serra, serrote, machado, martelo, tesouro, torquês: via-os por toda a parte, símbolos torcionários. (p. 9).

Abigail marcou também a minha vida de futuro poeta ao afirmar uma vez que *um simples manequim de costureira é mais belo e sugestivo*

⁴ Todas as referências ao livro *A idade do serrote* serão dadas com o número de páginas entre parênteses.

⁵ Refere-se ao poema homônimo do livro *Poesia Liberdade*.

⁶ Os “símbolos torcionários” são recorrentes na obra de Murilo Mendes. A imagem do serrote, por exemplo, retorna em *Convergência* (1970), no poema “O serrote”, e em um dos setores de *Poliedro* (1972).

que qualquer estátua grega. Sem saber, abriu-me o horizonte e empurrou-me para a modernidade; levei anos repassando essa frase na cabeça. (MENDES, 2014a, p. 118. Grifos nossos).

Durante anos, descendo ao vasto porão onde se achavam *três manequins vermelhos* – que eu batizara de ‘santíssima trindade terrestre’ – rondei em vão o quarto da minha prima; devendo contentar-me da versão que eu construía, paralela ao original. (MENDES, 2014a, p. 122)

Aberto a diferentes perspectivas e levando em conta a afirmação das diferenças, o “Murilo menino” conhece os objetos pelo contato direto com coisas cortantes e ameaçadoras, como tesouras e serrotes, e pela mediação de figuras femininas, como Abigail e Hortênsia, esta última uma mulher misteriosa que vive reclusa em um quarto há anos. Mas nem só de encontros com objetos é feito o cotidiano do menino de “olho precoce”. Também os bichos e as plantas habitam seu território e contaminam seu olhar. Transcrevo, abaixo, um trecho do capítulo “Lagartixa” de *A idade do serrote*, no qual a pequena criaturinha envolve-se em disputa com Dolores pela atenção de Murilo, e acaba provocando um descarrilamento na percepção do menino, que aprende “a lição” do animal:

É a tarde de uma segunda-feira de carnaval; [...] estou sentado ao sol num banco, no pomar da casa paterna, *considerando os movimentos de uma lagartixa que espreitava desde semanas*. Isto é, seria a mesma de antes? [...] *Eu, que gosto de dar nome a todas as coisas, não poderia batizar uma lagartixa.* [...] De repente desponta entre os jambeiros e os cambucazeiros *minha namorada Dolores, [...] fantasiada de princesa oriental*; um vestido com muitos babados e refolhos, entre verde, vermelho, azul, alaranjado; coberta de lantejoulas; à cabeça um turbante de seda amarela. Eu gostava de Dolores, gostava demais de carnaval, gostava de fantasias (se bem que nunca as usasse); mas *não pude tolerar aquele absurdo travesti que desfigurava minha ex-linda amiga*, dando-lhe mesmo – coisa terrível – um ar flácido.

Súbito Dolores passou a inexistir para mim. Refletida nas lantejoulas eu vi a vulgaridade do clã Vieira. *A lagartixa ia e vinha, não parou; indiferente em absoluto à fantasia de Dolores, revelava, sem querer, bom gosto. Resolvi seguir sua lição, passando-a para o plano dos homens.* (MENDES, 2014a, p. 105-106. Grifos nossos).

A abertura infantil ao mundo animado e inanimado desfaz relações verticais e possibilita a criação de um mundo em devir. A obra de Murilo Mendes, aliás, constrói-se num tempo em devir, no qual as diferenças se superpõem às semelhanças e as inquietações não são apaziguadas, sendo impossível definir ou fixar a substância de sua

trajetória literária neste ou naquele momento da literatura brasileira⁷. A poética muriliana é como um vaga-lume que circula por toda parte – no modernismo, no catolicismo ou no construtivismo –, resistindo a contornos definidos e à decifração do sentido. A provocação que a obra muriliana faz não passa tanto pela decodificação do significado, mas pelo modo como o texto, poético ou em prosa, toca os sentidos do leitor.

No caso de *A idade do serrote*, livro de memórias do escritor juiz-forano publicado em 1968, a sintaxe desafiadora e a estrutura descontínua dos capítulos põem o leitor em constante desassossego. A cada capítulo, a escrita é desfigurada, como se fosse interceptada por uma criança tagarela, que usa a língua de diferentes modos. Feita ora por uma sintaxe simples e direta, ora por frases curtíssimas e elípticas, ou ainda por um só período que ocupa três páginas, a escrita tenta captar as diferentes línguas da infância, remetendo o leitor a um tempo nascente. Herdeira da lição modernista, a escrita de *A idade do serrote* força a linguagem a romper as convenções estéticas formais, renovando a experiência literária por meio de um modo infantil de usar a língua. Livre de uma unidade compositiva, a obra configura-se como uma cartografia de pessoas e animais, coisas e cenas, atravessada por movimentos, cortes e desvios abruptos operados pela mão de um poeta em devir criança.

No ensaio “O que as crianças dizem”, Gilles Deleuze (2011) instaura uma linha de fuga do trabalho psicanalítico sobre as lembranças infantis e descreve a literatura como uma “cartografia dinâmica” atravessada por trajetos e devires, deslocamentos e intensidades, ao modo dos mapas traçados pela fala das crianças. Para o filósofo francês, toda literatura que apela para a infância é barata, pois a tarefa do escritor não é vasculhar os arquivos familiares nem se interessar por sua própria infância, mas, como diz no texto “Abecedário”, a tarefa é “[...] devir-criança através do ato de escrever, ir em direção à infância do mundo e restaurar esta infância [...]”⁸. Não é outro o empenho de Murilo Mendes quando escreve suas memórias de infância. Interessa menos para o escritor a lembrança da criança que ele foi e mais os blocos de infância atravessando a escrita e trazendo à superfície aqueles esquecidos pela história, como o bêbado

⁷ Em longa convivência com a obra do poeta, o professor Murilo Marcondes de Moura escreve, em *As passagens do poeta*, que “a obra de Murilo Mendes se impõe muito mais pelas diferenças do que semelhanças; seu lugar na lírica brasileira do século XX é antes deslocado e dissonante.” (MOURA, 2014, p. 262-263).

⁸ Cf. O abecedário de Deleuze. Entrevista a Claire Parnet realizada por Pierre-André Boutang em 1988, transmitida a partir de novembro de 1995 pela TV-ART. Verbete “Enfance”.

Amanajós, o mendigo Dudu, a parteira Dona Coló ou o tio Chicó, o “doido manso” de Juiz de Fora.

Ao invés de vincular ou espelhar o vivido no escrito, a infância em *A idade do serrote* desterritorializa a memória pessoal do autor para dar voz às pessoas que contribuíram para a aprendizagem do poeta: “[...] assim sou eu, ponho sempre em primeiro plano o homem e a mulher.” (p. 134). Essa dimensão afetiva é um dos aspectos mais importantes do livro, uma vez que praticamente todos os capítulos da obra são designados por nomes próprios. Nesse sentido, a infância tem uma força política, porque vocaliza uma experiência coletiva maior que a do narrador⁹, e é um operador discursivo potente, porque força a linguagem a atingir seu limite por meio de expedientes infantis que obrigam a língua a atingir um “estado de boom”. Nesse ponto explosivo de “boom”, a literatura diz o que as crianças dizem e o escritor efetua a tarefa de minorar a língua, de fazê-la bifurcar, gaguejar, balbuciar, porque opera por desvios e deslocamentos (BINES, 2012b): “Quando a língua está tão tensionada a ponto de gaguejar ou de murmurar, [...] a linguagem inteira atinge o limite que desenha o seu fora e se confronta com o silêncio.” (DELEUZE, 2011, p. 145).

Conhecedor das possibilidades da língua, Murilo Mendes instala em *A idade do serrote* o “estado de boom” deleuziano, do qual proliferam associações sonoras imprevistas, que resistem a decodificações imediatas e instauram um silêncio de fundo, fazendo o leitor tropeçar por entre as páginas, como se fosse uma criança que ainda não aprendeu a andar. Essa ação lúdica sobre a língua comparece de maneira exemplar no capítulo “Origem, memória, contacto, iniciação”:

I
O dia, a noite.
Adão e Eva – complementares e adversativos.
Meus pais: Onofre e Elisa Valentina, Adão e Eva descendentes.
A multiplicação dos pais. A multiplicação dos peitos. A multiplicação dos pães. A multiplicação dos pianos. (MENDES, 2014a, p. 7).

Nesse trecho de abertura da obra, o mundo do narrador nasce de uma explosão, ao modo do “estado de boom” deleuziano. O filho é gerado pela multiplicação dos pais, novos Adão e Eva, e sua percepção inicial do mundo é esparsa e fragmentada. Ele ainda não consegue articular pensamentos nem concatenar frases, apenas emite sons erráticos. O mundo do narrador é o das percepções iniciais e o do nascimento da linguagem.

⁹ Esta reflexão é tributária do pensamento de Jeanne Marie Gagnebin (2013) sobre Walter Benjamin.

Chamando atenção sobre si mesma e buscando a explosão que fê-la nascer, a linguagem põe-se em movimento e conecta palavras semanticamente dessemelhantes por meio de associações sonoras imprevistas. Assim, a mesma palavra (multiplicação) é repetida quatro vezes e multiplica-se em curtas frases nominais. A cada fragmento de frase, ela associa-se a palavras semanticamente diferentes, como pais, peitos, pães e pianos, que só têm em comum o fonema bilabial /p/. É como se essa “língua do p” tentasse recuperar a dimensão nascente da linguagem e os balbucios que o narrador emite.

Semelhante experimento de linguagem ocorre em outro trecho do capítulo inicial d’*A idade do serrote*:

As tēmporas de Antonieta. As tēmporas da begônia.
 As tēmporas da romã, as tēmporas da maça, as tēmporas da hortelã.
 As pitangas temporãs. O tempo temporão. O tempo será. As
 tēmporas do tempo. O tempo da onça.
 As tēmporas da onça. O tampão do tempo.
 O temporal do tempo. Os tambores do tempo. As mulheres temporãs.
 O tempo atual, superado por um tempo de outra dimensão, e
 que não é aquele tempo. Temporizemos. (MENDES, 2014a, p. 12).

Aqui, novamente a linguagem volta-se para si mesma e diz o que as crianças dizem. Ao redor do vocábulo “tempo” são associadas palavras de campos semânticos diferentes (tēmporas, temporãs, temporal), formadas por meio de um jogo de sufixos cuja regra é a predominância do mesmo radical (*temp-*) e do fonema dental /t/. Essa prática lúdica acionada pela infância coloca a língua em movimento, empurrando-a para lá e para cá e abrindo as palavras a relações ainda não estabelecidas. Nos dois trechos selecionados, as palavras protagonizam a escrita e entram em uma zona de vizinhança ou variação sonora entre si, dilatando a língua e criando uma “sintaxe em devir”, que faz nascer uma língua estrangeira dentro da língua portuguesa materna. Essa língua menor dentro da língua maior transforma um substantivo em verbo (temporizemos). Através de uma infância da linguagem que desencaminha a língua e a escrita, Murilo Mendes instaura em *A idade do serrote* uma “gagueira criadora”.

Ao uso menor da língua reivindicado por Deleuze e operacionalizado por Murilo Mendes acopla-se algo que o filósofo italiano Giorgio Agamben nomeia de *experimentum linguae*: a língua em sua pura autorrefencialidade, “[...] uma experiência que se sustém somente na linguagem [...], em que aquilo de que se tem experiência é a língua em seu estado bruto” (AGAMBEN, 2005, p. 11). No livro *Infância e História*, Agamben define a infância como a dimensão originária do homem situada no hiato

entre *phoné* e *lógos*, língua e discurso. Mas como falar sobre essa infância se precisamos nos expropriar de nossa condição infante¹⁰ para nos tornar sujeitos? Dito de outra maneira, como falar sobre a infância se a condição *sine qua non* para tornar-se humano é a expulsão da infância que habita em nós?

Segundo Agamben (2005), o fato de o homem ter tido uma infância, de não ter nascido na essência linguística de sua natureza, como os animais, é uma marca indelével da experiência humana em linguagem. O homem não nasce falando, assim como o gato já nasce miando ou o cachorro já nasce latindo. Para aprender a falar, ele precisa fazer uma cisão irreversível: saltar do estado bruto da língua em direção ao discurso articulado. Nesse sentido, de acordo com Agamben, a aquisição da linguagem só é possível com a descontinuidade entre *phoné* e *lógos*, língua e discurso, sons indistintos e linguagem articulada. Mas, haveria algo que esse cair na linguagem estruturada de que fala Agamben não descartaria por completo?

Tentando recuperar a potência do balbucio, o professor de literatura Daniel Heller-Roazen levanta uma hipótese interessantíssima no livro *Ecolalias*: sobre o esquecimento das línguas. Assim como Agamben, Heller-Roazen também opera a partir da prerrogativa de que existe um salto da experiência muda em direção ao discurso articulado. Segundo o professor de literatura, o infante, por estar mergulhado na totalidade da linguagem, possui uma capacidade articulatória ilimitada, sendo capaz de produzir todos os sons de todas as línguas humanas. Apoiado nas pesquisas linguísticas de Roman Jakobson e nos estudos de Freud sobre afasia, Heller-Roazen enfatiza: “[...] não há limites para o potencial fônico da vocalização infantil.” (2010, p. 7).

Entretanto, essa habilidade fônica do infante é interrompida bruscamente quando ele precisa adquirir uma língua. A perda das potencialidades ilimitadas da linguagem em estado bruto é o preço que a criança paga para adquirir uma língua específica, com um sistema fônico limitado. Diante dessa constatação, Heller-Roazen pergunta-se o que aconteceria no intervalo entre a perda dos sons erráticos e a aquisição de uma língua determinada. A hipótese levantada é a de que as línguas dos adultos guardariam ecos desordenados dessa língua imemorial à qual somente o infante tem acesso: “[...] seria apenas um eco, pois onde há línguas, a emissão desordenada do bebê já há muito desapareceu, ao menos na forma que uma vez possui na boca do infante que ainda não

¹⁰ “A criança, o in-fans é primeiro aquele que não fala, portanto aquele animal monstruoso (como o dizia Lyotard), no sentido preciso de que não tem nem rugido, nem canto, nem miar, nem latir, como os outros bichos, mas que tampouco tem o meio de expressão próprio de sua espécie: a linguagem articulada.” (GAGNEBIN, 1997, p. 170).

poderia falar” (2010, p. 9). Se for verdade que a língua dos adultos guarda restos da experiência infante, como diz Heller-Roazen, cabe, então, perguntar: como o escritor escreve os ecos das línguas de uma infância residual¹¹?

A hipótese preliminar e tateante é a de que a escrita de Murilo Mendes tenta se aproximar da infância por meio da recriação de uma língua infantil, que nasce de diferentes maneiras em *A idade do serrote*. As línguas da infância que emergem dos capítulos impedem a obra de se apresentar em um único registro discursivo, homogêneo, lógico e concatenado, o que acaba por reconduzir o leitor a uma dimensão aquém da linguagem, repleta de balbucios e murmúrios emitidos por um “menino experimental” que ainda não domina uma língua específica e exercita-se em uma escrita canhota. Em outras palavras, a infância enquanto experiência de linguagem aporta no livro de Murilo Mendes de maneira enigmática, como se fosse um serrote que ameaçasse a compreensão do leitor, impedindo-o de entender a composição intrincada dos capítulos, feita por um poeta contaminado por gestos infantis. A infância é, então, uma força que deflaciona o lugar do leitor e o obriga a imaginar formas de ler a dimensão originária na qual o “menino experimental” está mergulhado.

Reproduz-se, a seguir, um trecho do capítulo “Sebastiana”, que corrobora a hipótese de que a linguagem devém criança de diferentes modos em *A idade do serrote*:

A infância senta-se nos meus joelhos ou nos peitos pretos de Sebastiana?, sei que os pais ou avós dela vieram da África, então é sempre de noite na África e meu pai diz que é bobagem, pelo contrário, faz um sol medonho na África, diz meu pai que tem muito calor no Senegal, então eu penso que é um calor de bengala, em criança a gente ouve outra coisa e mal, Sebastiana deixa esguichar seu leite pro meu irmão menor José Maria, é do leite que vêm as histórias que ela nos adormece, talvez eu ainda não entendesse o que é torre, nem madrastra, nem varinha de condão, nem princesa encantada, ou melhor sabia e não sabia, nunca se sabe direito o que se sabe ou não, [...] Sebastiana está muito mal, a morte remexe nos seus guardados, vem o padre Alberto recita umas rezas embrulhadas com sotaque alemão orra prro nobis, lux perpetua, amém, Sebastiana morre cercada pela nossa família, [...] teve um grande silêncio, então Mamãe diz que Sebastiana é quem possuía a varinha de condão e um coração deste tamanho assim. (MENDES, 2014a, p. 18-21. Grifos nossos).

¹¹ As considerações entre Agamben e Heller-Roazen aparecem neste texto a partir de anotações de aula feitas durante o curso de pós-graduação “Imaginação e experiência da literatura”, ministrado pela Profa. Dra. Rosana Kohl Bines, na PUC-Rio.

Nesse trecho, vemos um experimento de linguagem bastante diferente do “estado de boom” do capítulo de abertura do livro. Em “Sebastiana”, não há parágrafos telegráficos, frases elípticas ou palavras concatenadas por semelhança fônica. A escrita do capítulo é feita sintaticamente por um só período e a linguagem tenta perfazer ou materializar a experiência do leite esguichando dos “peitos pretos” de Sebastiana. Entrelaçando o aconchego do corpo negro e o afeto do corpo do Murilo menino, a linguagem devém leite e corre à revelia do leitor, trazendo consigo histórias que escorrem ininterruptamente por três páginas e que são oferecidas ao leitor, como um seio materno é oferecido a um bebê.

A infância que nasce das páginas d’*A idade do serrote* frustra toda e qualquer tentativa de captura, porque leva o leitor para um lugar imprevisto onde o pensamento é interceptado por uma língua repleta de balbucios, que saem da boca de um “menino sem passado¹²”, sobre o qual pouco se sabe. Segundo Jorge Larrosa (2013), a alteridade enigmática da infância em relação a nós é a presença de algo radical e irredutivelmente outro, que nos obriga a pensá-la a partir de sua absoluta heterogeneidade e diferença. Como tentou-se mostrar até aqui, a infância aparece de diferentes modos nos capítulos d’*A idade do serrote*: às vezes com uma dicção contida e elíptica (“Pique. Porra. Gude. Chicote queimado. Bilboquê”), outras vezes como uma torrente de frases (comparem-se os capítulos “Momentos e frases” e “A rua Halfeld”). Ao fim e ao cabo, os experimentos de linguagem que emergem de *A idade do serrote* travam a compreensão do leitor e o impedem de nomear a infância que habita a escrita de Murilo Mendes.

No prefácio ao livro *O inumano*, Jean-François Lyotard convoca uma infância impessoal e que persiste na idade adulta para uma tarefa política. Por ser desprovida de palavras e estar situada no limiar entre o inumano e o humano, a infância acena no texto do filósofo como uma possibilidade ética e política de uma comunidade por vir. No intervalo entre a miséria inicial de nossa origem e a eclosão de uma língua que nos torna aptos a viver em sociedade, a infância é a senha para interromper o tempo acelerado dos adultos e abrir a vida humana a experiências sensíveis:

Desprovida da palavra, incapaz da paragem certa, hesitante quanto aos objectos do seu interesse, inapta no cálculo dos seus benefícios, insensível à razão comum, a criança é eminentemente humana, pois a sua aflição anuncia e promete os possíveis. O seu atraso inicial sobre a humanidade, que a torna refém da comunidade adulta, é igualmente

¹² Refere-se ao poema homônimo publicado no livro de estreia de Murilo Mendes, *Poemas* (1930).

o que manifesta a esta última a falta de humanidade de que sofre e o que a chama a tornar-se mais humana. (LYOTARD, 1997, p. 11)¹³.

É por estar vinculada ao nascer e à inabilidade diante das coisas do mundo que a infância pode ser um operador conceitual potente sobre os limites da linguagem e o conceito de história. A incapacidade da criança de falar, entender e escrever palavras, ou sua percepção deslocada sobre o tempo lembram ao homem que ele não tem uma posição soberana diante das palavras e do mundo. Capaz de operar deslocamentos na linguagem, a infância, enquanto categoria discursiva, pode renovar a sensibilidade humana e cindir o progresso contínuo e linear da história, de modo a impedir que ambas, linguagem e história, se apresentem como totalidade e verdade (AGAMBEN, 2005). Nesse sentido, escrever e ler com a infância significa manter-se em constante susto diante da existência da linguagem e instaurar descontinuidades no tempo linear do progresso. Esta é, segundo Agamben e Lyotard, a tarefa da escrita e do pensamento, da literatura e das artes em geral.

Não terá sido outro o empenho de Walter Benjamin ao elaborar certa experiência com os rastros de sua infância berlinense. O que interessa ao pensador alemão não é resgatar um tempo idílico, nem evocar suas memórias infantis para idealizá-las, mas reler criticamente a experiência da infância na vida adulta para descobrir aí caminhos e passagens não percorridos, os quais ele pode retomar no presente para realizar a tarefa de escovar a contrapelo a história monumental dos vencedores. Escrevendo sobre a criança benjaminiana no limiar do labirinto, Jeanne Marie Gagnebin, estudiosa da obra do pensador alemão, destaca que as memórias infantis de Walter Benjamin não são apenas o relato da experiência de uma criança numa grande cidade, mas também a reconstrução de uma memória coletiva que se transforma em objeto de análise histórico-social. Assim, as imagens infantis benjaminianas são eminentemente imagens políticas porque “[...] o ‘eu’ que nelas se diz não fala somente para se lembrar de si, mas também porque deve ceder lugar a algo outro que não si mesmo.” (GAGNEBIN, 2013, p. 80).

Resulta desse trabalho político com a memória a insistência benjaminiana pela precariedade e inabilidade infantis e sua predileção por espaços intermediários, com acessos a lugares periféricos e ermos, como a jaula da lontra ou as caves de onde se vê

¹³ “Shorn of speech, incapable of standing upright, hesitating over the objects of its interest, not able to calculate its advantages, not sensitive to common reason, the child is eminently the human because its distress heralds and promises things possible. Its initial delay in humanity, which makes it the hostage of the adult community, is also what manifests to this community the lack of humanity it is suffering from, and which calls on it to become more human.” (LYOTARD, 1988, p. 3-4).

os pobres, os vencidos e os corcundas, enfim, todos aqueles negligenciados pela história monumental, e aos quais a criança vai juntar-se para dar voz a uma experiência coletiva maior que a do narrador. Segundo Gagnebin, a desorientação e a percepção infantis são aspectos importantes no livro de Walter Benjamin, pois, por ter um outro campo de percepção, a criança pode lançar um olhar para os invisíveis da sociedade, trazendo à superfície verdades que os adultos não querem mais ver e ouvir:

Verdade política da presença constante e subterrânea dos pequenos e dos humilhados que a criança percebe, simplesmente, porque ela mesma, sendo pequena, tem outro campo de percepção; ela vê aquilo que o adulto não vê mais, os pobres que moram nos porões cujas janelas beiram a calçada, ou as figuras menores na base das estaturas erigidas para os vencedores. (GAGNEBIN, 1997, p. 180).

Por não ter uma perspectiva dominada por um sentido ou saber já codificado, a criança pode ver a linguagem de um outro modo. No ensaio “A doutrina das semelhanças” e em *Imagens do pensamento*, Walter Benjamin destaca esse modo de ver da criança, para quem a linguagem não é um transmissor de conteúdos e as palavras não são moedas de trocas comunicativas, mas, respectivamente, um “[...] arquivo de semelhanças extrassensíveis [...]” e “[...] cavernas, entre as quais conhece curiosas linhas de comunicação [...]” (BENJAMIN, 2012b, p. 279). Percebendo afinidades entre materiais de campos semânticos distintos, a criança abre na linguagem canais de passagem por onde circulam palavras que produzem imagens e sensações resistentes à soberania do sentido lógico.

Esses deslocamentos semânticos acionados pelas crianças na linguagem, bem como a dimensão política ressaltada por Gagnebin nas memórias da infância de Walter Benjamin, comparecem com força em *A idade do serrote*, como no capítulo “Analu”, em que a criança aproxima signos incompatíveis como “rabo de pavão” e “faixa de Nossa Senhora”, produzindo semelhança entre palavras diferentes; ou ainda no capítulo “Dudu”, no qual a infância residual do poeta adulto desterra da memória uma cena juiz-forana e faz uma contundente crítica social:

Saio a passeio com meu pai ao longo da conversadora rua Direita que me serve de salão, colégio, porto. Encontramos tanta gente. [...] *De repente numa travessa topamos com o mendigo Dudu* que procura desvencilhar-se de três meninões: rodeiam-no, vão-no, aplicam-lhe cacholetas. [...] *O destino e a sociedade reduziram Dudu ao estado vegetoanimal. Não chega a ser um corpo, não chega a ser uma*

fisionomia; é um resto de pessoa, um resto de roupa, um resto de nome. Ninguém sabe ao certo onde nasceu e de vem [...]. Há anos frequenta as ruas da cidade, mas não se sabe onde mora, ou se mora. Um clandestino. A cor dos seus olhos e cabelos, intraduzível. Sabe-se que Dudu muitas vezes diz: “tou com fome”. Pouquíssimas palavras transmite além destas. [...] Não chega a suspirar: um suspiro ser-lhe-ia um luxo. [...] Que sonhará? Talvez se recorde dos gritos de sua infância; mas teria tido infância? Ao menos a infância da fome. [...] Dudu estende a mão, única ponte para afirmar sua existência. Fala às vezes com o chão. [...] Outra manhã vi uma borboleta pousar-lhe na cabeça. Foi seu milésimo de glória, o toque mágico da coroa, a visitação do inefável. (GAGNEBIN, 2013, p. 33-34. Grifos nossos).

Resgatando a imagem de uma “infância da fome”, o poeta busca perfazer pela escrita o movimento deleuziano de ir em direção à “infância do mundo” para falar por todas as crianças que não puderam viver a infância. Dudu é apenas mais um menino expropriado do faz de conta, como tantas crianças brasileiras e anônimas que não podem experimentar o “era uma vez”. O olhar do Murilo criança para o menino faminto sobrevive nas lembranças do poeta do adulto, como uma pequena luz que não se deixa apagar. Escrevendo com a consciência dessa “infância da fome”, Murilo Mendes revitaliza pela escrita suas memórias infantis e projeta cenas que se desdobram, hoje, em uma reflexão sobre uma infância inominável.

Considerações finais

Este exercício de leitura esboçado até aqui buscou pensar a infância como vetor de criação do livro *A idade do serrote*, de Murilo Mendes. Trata-se de um exercício preliminar ao redor da obra muriliana e da infância como operador discursivo. Para isso, aproximou-se a criação artística do pensamento teórico, não como apoio ou ilustração, mas como um lugar em que o conhecimento é produzido; e defendeu-se a hipótese de que *A idade do serrote* dá voz a um “menino experimental” que permanece no poeta adulto, impulsionando-o a uma prática reflexiva sobre a linguagem e à invenção de novos modos de dizer e escrever.

Por saber que “nunca um nasce / suficientemente” (MENDES, 2014b, p. 65), Murilo Mendes dá a mão ao menino que o habita e se aventura em uma escrita experimental que reinventa sua relação com as palavras. Por conseguinte, o que nasce dessa aventura é uma experiência de linguagem que indica ao homem que ele não domina o código linguístico – por vezes, as palavras escapam, fogem, faltam,

principalmente quando se tem de escrever e ler sobre um tema tão caro, como a infância. Mas é preciso dizer sim à infância e às crianças, embora os dedos, os olhos e a imaginação se arrastem a duras penas. O sim que Murilo vocaliza responde à infância enquanto modo de ser e convoca o leitor a vir despreparado para a leitura de *A Idade do Serrote*. Só com a liberdade infantil de errar, cair e levantar, ele poderá percorrer a “cartografia dinâmica” inventada pelo poeta em devir-criança.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história cultural*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012a.

_____. *Rua de mão única*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 2012b.

BINES, R. K. Criar com a infância. In: OLINTO, H. K.; SCHOLLHAMMER, K. E. (Org.). *Literatura e criatividade*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012a. p. 131-140.

_____. *Sem rede de proteção: palavras em queda livre nas obras de David Grossman e Michel Laub*. Comunicação apresentada no VI Encontro Brasileiro de Estudos Judaicos, promovido pela UERJ, realizado em 04 de dezembro de 2012, no Rio de Janeiro.

CANDIDO, A. Poesia e ficção na autobiografia. In: CANDIDO, A. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989. p. 51-69.

CARDOSO, M. R. Prefácio. In: MENDES, M. *A idade do serrote*. Rio de Janeiro: Record, 2013. p. 7-19.

_____. Duas lições de cartografia fantástica. *Conexão Letras*, Porto Alegre, v. 10, n. 13 (2015).

DELEUZE, G. O que as crianças dizem. In: DELEUZE, G. *Crítica e clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2011. p. 83-90.

_____. Gaguejou... In: DELEUZE, G. *Crítica e clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2011. p. 138-146.

_____. E de Enfance [Infância]. In: *O abecedário de Gilles Deleuze*. Transcrição integral do vídeo, para fins exclusivamente didáticos. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>>. Acesso em: 4 out. 2016.

GAGNEBIN, J. M. Infância e pensamento. In: GAGNEBIN, J. M. *Sete aulas sobre Linguagem, Memória e História*. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p. 167-181.

_____. A criança no limiar do labirinto. In: GAGNEBIN, J. M. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2013. p. 73-92.

HELLER-ROAZEN, D. *Ecolalias: sobre o esquecimento das línguas*. Trad. Fábio Durão. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010.

LARROSA, J. O enigma da infância. In: LARROSA, J. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 183-198.

LEAL, B. S. *Chegar à infância*. 2008. 229f. Tese – (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

LYOTARD, J. F. *The Inhuman*. California: Stanford University Press, 1988.

_____. *Lectures d'enfance*. França: Éditions Galilée, 1991.

_____. *O inumano*. Trad. Ana Cristina Seabra e Elisabete Alexandre. Lisboa: Editorial Stampa, 1997.

MENDES, M. *A idade do serrote*. São Paulo: Cosac Naify, 2014a.

_____. *Convergência*. São Paulo: Cosac Naify, 2014b.

MOURA, M. M. Posfácio As passagens do poeta. In: MURILO, Mendes. *Antologia poética: Murilo Mendes*. Organização, estabelecimento de texto e posfácios de Júlio Castañon Guimarães e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2014. p. 262-272.

Data de submissão: 02/02/2016

Data de aprovação: 25/09/2016